

Sarriá, o Taxista Lúcio e o Destino de Moacir

I

“Valdir Peres, Leandro, Oscar, Luizinho e Júnior; Toninho Cerezo, Sócrates e Zico; Falcão, Serginho e Éder”.

(Seleção Brasileira de 1982)

II

Eu nunca devia ter voltado a falar nesse assunto. Mas agora já é tarde demais.

Estádio Sarriá, Catalunha, cinco de Julho de 1982. *“Não somos imbatíveis. Eu sempre soube que no dia em que cometêssemos falhas, e essas falhas fossem aproveitadas pelos adversários, nós perderíamos. Infelizmente isso aconteceu diante da Itália”.*

Com as palavras acima, o treinador Telê Santana arrombou nossas retinas e mentes para uma realidade que recusávamos fosse possível, apartado desde já o grupo dos que nasceram com o dom da lucidez permanente, da prudência premonitória e da carniça entre os lábios.

O Brasil acabara de perder por três a dois para a seleção da Itália, num jogo titânico. O país chorava sua eliminação na Copa da Espanha.

Terminal de Vila Velha, Espírito Santo, vinte e cinco de Fevereiro de 2009. À saída do terminal, aperto o passo e entro no primeiro táxi que me aparece pela frente. Tenho pressa em chegar ao Hospital das Clínicas, em Maruípe, Vitória, e entregar ao meu irmão roupas e toalhas limpas para ele passar o dia com meu pai, internado em consequência de um sangramento interno de procedência àquela altura ainda não identificada, e posteriormente atribuído ao uso continuado de um remédio para o coração que, com o passar do tempo, acelerou a formação de duas ulcerações em seu estômago.

Minha pressa, felizmente, já não era exclusivamente pela preocupação com seu estado de saúde – o pior já havia passado e ele se encontrava devidamente medicado –, mas também porque agora eu havia recuperado o fôlego para pensar em coisas menores, como, por exemplo, não chegar atrasado ao trabalho.

Contudo, entrei no táxi com o ceticismo de que a única coisa concreta na vida é a perda, e o único aprendizado possível aquele que orbita ao seu redor.

Bairro Lins de Vasconcelos, Rio de Janeiro, cinco de Julho de 1982, momentos antes da partida começar. Fui ao bar da esquina comprar cigarros para meu pai. A rua estava uma quietude só. Tomei o cuidado de verificar se as pinturas nas calçadas haviam sido reforçadas na véspera, ritual mantido pelos moradores do bairro a cada novo passo avançado pela seleção, certificando-me ainda de que haviam ficado a contento.

A do Pacheco, o camisa doze, personagem desenvolvido por uma empresa fabricante de lâminas de barbear para simbolizar o torcedor brasileiro, e que caiu no gosto popular, era a minha favorita. E lá estava o Pacheco, tinindo de verde-e-amarelo novo, segurando nosso pavilhão. Era a certeza de mais uma vitória.

Porém, além do que estava por acontecer nos noventa minutos seguintes, mal sabia eu que os cigarros que trazia em mãos seriam a principal causa do infarto de meu pai em 1994; que esse o levaria, anos mais tarde, ao uso da medicação responsável pela internação em 2009; e menos ainda que, quase vinte e sete anos depois, a corrida de Vila Velha a Maruípe me reservaria uma última e surpreendente revelação sobre o fatídico jogo que estava por vir.

Naquela longínqua manhã de 1982, eu apenas sonhava ver o Brasil passar à semi-final da Copa.

Itália, trinta de Dezembro de 1979. Em partida válida pelo campeonato italiano da temporada 1979/80, Avelino e Perugia empatam em dois a dois. O resultado consolida o principal atacante do modesto Perugia, Paolo Rossi, autor dos dois gols de sua equipe, como artilheiro da temporada. E concorre para deflagrar, meses mais tarde, o maior escândalo do futebol italiano até aquela época.

Juntamente com mais duas dezenas de resultados comprovadamente fabricados por *bookmakers*, o empate entre Avelino e Perugia manchou também o nome de Paolo Rossi, que aceitou participar do esquema em troca dos dois gols marcados na partida e de uma quantia irrisória para o próprio Rossi que, afora o principal dano sofrido, no campo moral, já sobrevivia muito bem do futebol.

Sarriá, cinco de Julho de 1982, vinte e nove minutos do segundo tempo. Após jogada de Antognoni, o Brasil cede um escanteio para a Itália, que pressiona em busca da vitória, único resultado que lhe interessa na partida. A bola saiu pela linha de fundo por não mais que cinco centímetros. Cinco miseráveis centímetros.

No minuto seguinte, após escanteio batido por Bruno Conti e tumulto na área brasileira, a bola sobra para Paolo Rossi escorar para as redes e marcar o terceiro gol da Itália. Seu terceiro na partida.

Punhos cerrados para baixo na comemoração, impossível imaginar o que se lhe passava pela cabeça quase três anos depois de mergulhar em seu inferno pessoal, em 1979, do qual emergiu para fazer parte do meu.

Naquele momento, desconhecendo o sonho dos moradores do Lins de Vasconcelos, e de muitos brasileiros amantes do futebol, Rossi cumpriu sua sentença histórica. E me apresentou ao significado essencial da perda. Idêntica em quase tudo à que eu sentiria vinte e sete anos no futuro, ao entrar no táxi.

Terceira Ponte, divisa entre Vila Velha e Vitória, vinte e cinco de Fevereiro de 2009. A bordo do veículo, a visão do morro do Mestre Álvaro me inspira a romper o meu silêncio.

O assunto que me move, óbvio, é o estado de saúde de meu pai, que aos poucos descrevo ao taxista.

Lúcio o seu nome, não me esquecerei enquanto for vivo.

Profissional e pacientemente, o taxista Lúcio me ouviu. E, como na saída da ponte ainda estávamos a meio caminho, até menos, do hospital, e meu relato era ainda marcado da sobrecarga dos últimos dias, ele procurou atenuar minha preocupação. E o fez rememorando seu próprio passado: *“Seu pai sairá de lá com vida, se Deus quiser. Pois só mesmo Ele não querendo para ocorrer o contrário. Eu tive um filho internado no Hospital das Clínicas...”*.

Textualmente, me lembro somente das primeiras palavras da história que ele me contou sobre seu filho. Mas o principal está guardado em um lugar cativo em minha memória, juntamente com o terceiro gol do Brasil contra a Itália, que, não materializado, foi imaginado mais de um milhão de vezes.

Dos três anos em que viveu na Terra, o filho de Lúcio passou mais de dois como paciente do Hospital das Clínicas, onde encontrou o suporte necessário ao seu tratamento – daí porque a manifesta confiança do taxista naquele estabelecimento.

Contudo, o menino possuía uma patologia congênita cujos sintomas a ela associados foram tantos a quantos ele pôde opor resistência.

Sem embargo, Lúcio descreveu a luta de seu filho pela sobrevivência com humildade e altivez. Havia, sobretudo, algo incognoscível que desprendia seu discurso do confinamento comum a toda dor.

Hoje, ousou dizer que era uma dor há tanto tempo dor, e tão profundamente dor, que Lúcio não a subtraiu de si. Do contrário, incorporou-a. E somente assim se manteve mentalmente íntegro para prosseguir lutando.

Pois bem, esta era a capacidade que me faltara por longos vinte e sete anos, desde Sarriá.

Durante esse tempo eu havia tentado bloquear aquela lembrança, expulsá-la completamente de mim, esquecê-la. Escapismo inútil, renovado de copa em copa. Porque eu não aceitava que aquela derrota era um divisor de águas em minha vida, a transição prematura e forçada à idade adulta.

Depois dela, as gozações na escola já não tinham mais o mesmo significado. Pouco me interessavam os Fla-Flus, ou a seleção que jogaria a próxima copa. Que fossem os mesmos onze batidos na Espanha, não me importava mais. Seria um tempo completamente diferente do de outrora. E o que eu queria era ter vencido aquela copa. Aquela, não outra.

Somente assim entendi sua permanência em minha memória por tanto tempo, e com tamanha riqueza de detalhes. As bandeiras sendo recolhidas das janelas das casas. Os garis varrendo os sonhos das pessoas nas ruas. Os cinco miseráveis centímetros. O Tempo,

enfim. Feito da mesma e implacável não-matéria que a razão, os sonhos, e a perda. E que agora eu incorporava de supetão, conduzido habilmente pelo taxista Lúcio.

Atento ao seu discurso, notei claramente os erros fundamentais de minha vida. A partir do que redefini a perda como seu contorno inalienável. O invólucro sagrado e inconsútil do qual somos o conteúdo, não a fronteira.

Vale dizer, a vida de Lúcio havia sido moldada pela perda do filho. Mas não se dava em seu limiar, onde imperava a dor da ausência, e sim internamente, onde habitava seu amor de pai. O que explica porque aquele homem não havia enlouquecido. Tanto quanto resume, ao largo e a cabo, seu sorridente arremate: “*Eu admirava a vontade de viver daquele menino*”.

Naquela viagem de táxi até Maruípe, eu paguei o preço de uma corrida. E consubstanciei o Tempo.

III

Quando idealizei esta crônica, eu procurava para ilustrá-la um enxadrista que reunisse todos os seus elementos essenciais: talento, tragédia e vontade – pela ordem, simbolicamente, a seleção de oitenta e dois, Sarriá, e o filho do taxista Lúcio.

Quase imediatamente, o nome de Moacir Bortoloso me supriu esta ausência. E o fez de tal maneira que, ao final do processo, eu já não era mais capaz de discernir se o vácuo original era por um jogador que encarnasse a crônica ou por uma crônica que traduzisse o primeiro.

Sua perseguição pelo cetro máximo do xadrez capixaba por diversas vezes esbarrou no imponderável, criando ao seu redor uma atmosfera de enorme pressão, e nele próprio o mito apavorante do inimigo interno.

Na outra ponta, seu inequívoco talento para o xadrez e uma vontade fortalecida a cada revés sofrido nos remetem à condição de platéia privilegiada de um drama cujo ato final ainda está por ser escrito.

A presente crônica se insere neste interregno, e traz ao leitor uma fina variante da Abertura Escocesa. Uma bomba que Bortoloso explodiu sem dó contra o peito do experimentado enxadrista norte-americano Robert Hungaski.

Bortoloso, Moacir C. (2.228) x Hungaski, Robert A. (2.379) – II Magistral Espírito Santo – Vitória – ES – C45 (O Leão Faminto)

1. e4! ...

Acredita-se que somente os gênios têm a capacidade de fascinar as pessoas pela repetição.

Mané Garrincha driblava seus adversários sempre pelo lado direito. Charles Chaplin nunca encarnou na tela outro personagem que não Carlitos. E Zé Bonitinho até hoje faz as mulheres suspirarem quando canta “*if I have a thousand of women... au-au... au-au...*”.

Com **1. e4** Bortoloso repete contra Hungaski uma história de sucesso iniciada há vários séculos, muito antes de Bobby Fischer eternizá-la na máxima “*the best by test*”, e que nos fascina até hoje!

- 1. ... e5**
- 2. Nf3 Nc6**
- 3. d4 exd4**
- 4. Nxd4 Bc5**
- 5. Be3 Qf6**
- 6. Nb5! ...**

Variante aguda que iniciará uma partida ultra-agressiva!

- 6. ... Bxe3**
- 7. fxe3 Qd8**
- 8. Qg4! ...**

As brancas cederam às pretas uma estrutura de peões superior, em troca de iniciativa e desenvolvimento. Por isto, Bortoloso não pode deixar o adversário sequer respirar nos próximos lances. Este aí, por exemplo, expõe de imediato a debilidade de **g7!**

- 8. ... g6**
- 9. Qf4 ...**

Este outro a de **c7!**

- 9. ... d6**
- 10. Bc4! ...**

Agora a de **f7!**

- 10. ... Be6**
- 11. N1a3 Ne5**
- 12. Bxe6 fxe6**
- 13. O-O! ...**

E **f7** continua exposto a invasões!

- 13. ... Ne7**
- 14. Rad1 Qd7**
- 15. Nxc7+!! ...**

Essa é aquela dor que bate na quina!! E também o lance que deu nome à partida em análise.

Foi noticiado no início do milênio que o Gran Circo Bartholo teria abandonado quatro leões famintos na cidade de Atibaia, São Paulo, quando de sua partida do local.

Reza a lenda que, dos quatro, três foram recolhidos em tempo de se evitar uma tragédia, tendo o quarto leão desaparecido sem deixar rastro, exceto no inconsciente popular.

A sustentá-la, o depoimento de um jovem da época, Fabrício de Paula, que supostamente teria presenciado o momento em que o animal escapou da jaula.

Nunca comprovado, seu relato ganhou status de crença entre os nativos pelo esgar estarrecido que o jovem emitia, quando perguntado sobre o que havia visto, ao pronunciar com voz trêmula e gaguejante: “É o Bartholoso... É o Bartholoso...”.

Bem, o lance do texto não só reforça a tese de Fabrício, como nos dá um forte indício de onde veio parar o leão.

15. ... Qxc7

16. Nb5 O-O-O

Não havia outro recurso para evitar as linhas de mate.

17. Nxc7 Kxc7

As brancas venceram a partida. Agora é uma questão de técnica.

18. Qf6 Rhe8

19. Qxe6 N7c6

20. Qb3 Rd7

21. Rf6 Ng4

22. Rf4 h5

23. h3 Nge5

24. Rdf1 Rde7

25. Rf6 Nd7

26. Rxc6 Nc5

27. Qd5 Nxe4

28. Rf7 Rxf7

29. Qxf7+ Re7

30. Qd5 h4

31. Re6

Sem qualquer defesa contra a ampliação da disparidade material.

1-0

O destino de Moacir Canella Bortoloso é ser Campeão Capixaba de Xadrez. Mais do que um prognóstico tentador, esta predição advém dos fatos.

Alguns dizem que ele anda meio sumido dos torneios, lendo algum livro sobre transposições na abertura. A meu ver ele está à espreita, como um leão faminto, para algum dia voltar e reclamar o que é seu.

IV

Sarriá, alta noite de hoje. Sobre o gramado imaginário de um estádio há muito demolido, vultos fantasmagóricos jogam o milésimo tempo de uma partida interminável. Já não sabem a que seleção pertencem, contra quem jogam, nem qual é o placar do jogo. Apenas percorrem seu itinerário atrás da bola. Atacando, defendendo, driblando. Refazendo eternamente a memória de um jogo sem paz.

Nalguma rua de Vila Velha, o taxista Lúcio conduz um passageiro ao seu destino.

*